

# Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA  
Administrador: ARTUR BASTO

Director:  
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS  
Telefone 8451

Redacção e Administração: R. D. António Barroso 42-44  
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

**O rosto da Igreja, tal qual o vê o mundo,  
apresenta-se coberto de ultrajes,  
como a Face do Senhor da Paixão**

A maior tentação contra a Igreja, para muitas almas  
que a vêem através de nós — somos nós mesmos

**Quero prestar homenagem aos sacerdotes que  
trazem a Cruz de Cristo gravada na sua vida**

SUA Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, venerando Patriarca de Lisboa, acaba de pronunciar a mais extraordinária mensagem que algum Príncipe da Igreja anunciou nos últimos tempos.

Ela destina-se também àqueles leigos que procuram confundir a Igreja a Instituição divina — com os homens, ou melhor com alguns homens.

Para os que sofrem e temem pelos desmandos, pela dissipação, pelas negações e pela fragilidade dos que mais perto deveriam achar se do Sumo e Eterno Sacerdote, a mensagem do Eminentíssimo Pastor surge como uma aurora prenúncia de luz, como uma afirmação de que, nas culminâncias da hierarquia, alguém vela, alguém observa, alguém aponta o caminho.

É que consolação ser o caminho apontado por quem está dentro do Grémio e nele é luz e hierarquia.

Texto integral da mensagem:

Há dois anos, neste mesmo dia, falei-vos de algumas tentações do nosso tempo. Não

— extraordinária mensagem de Sua Eminência o Cardeal Patriarca ao clero que o ouviu na alocução pronunciada há dias

falei, porém, da maior. Sabeis qual é a maior das tentações contra a Santa Igreja, para muita gente, nos dias de hoje? Pois bem, ousarei dizê-lo: somos nós mesmos!

Nós mesmos, todos os que constituímos a Igreja visível, nós especialmente os seus ministros. Aquilo que se tem chamado as «misérias» da Igreja. Tudo o que desfigura em nós o rosto autêntico da *santa Madre Igreja*. Os nossos erros e pecados, dos homens e das instituições que representam a Mensagem divina, não fazem blasfemar a tantos o nome bendito de nossa Mãe a Esposa de Cristo, a bela, a santa, a imaculada Mãe-Virgem dos filhos de Deus?

É um facto, um triste facto, não há que negá-lo (negá-lo seria trair a Luz que trazemos ao mundo) — que nós não realizamos as divinas exigências do nosso sacerdócio.

(Continua na página 2)

## SEMANA DO HOSPITAL

NA sua exortação em favor do Hospital recomendava Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz ao Clero que explicasse aos fiéis o valor sobrenatural da escola. Assim melhor compreenderiam o dever de caridade para com o Hospital e sentiriam, à luz das consolações divinas, o melhor incentivo para colaborarem generosamente na Semana do Hospital. Não deve ser outro o fim desta colaboração.

De todas as freguesias do Concelho chegam-nos boas notícias de entusiasmo e trabalho no sentido de que o Cortejo de Oferendas em favor da Santa Casa seja valioso.

É dever de todos os barcelenses, pondo de parte todas as razões que separam, unirem-se à volta da Santa Casa para que possa ter vida mais desafogada e subministrar aos doentinhos os melhores cuidados e carinhos.

## Política e Diplomacia

Uma sucessão de visitas que revela o prestígio crescente de Portugal no Mundo

MAL apagados os ecos da visita a Portugal do Presidente da República do Brasil, Dr. Café Filho, que soergueu o País em frêmitos de entusiasmo, assistimos há pouco ao acolhimento carinhoso em extremo que a Inglaterra, nossa velha aliada de há quase seis séculos, tributou ao Presidente Craveiro Lopes. A imprensa de todos os países civilizados da Europa e da América deu o devido relevo ao significado político dessa visita.

Todo o Mundo ficou sabendo que a velha aliança luso-britânica permanece bem viva e apta a entrar em acção quando necessário, o que bem se viu na última Grande Guerra. A cedência de bases nos Açores para a batalha anti-submarina apressou a derrocada de Hitler.

Temos visto no dobar dos séculos o afundar de impérios que pareciam fortes e destinados a perpetuidade; vimos erguer paralelamente novos Estados, uns que floresceram e ainda vivem, outros que se eclipsaram. O Mundo político, económico e social evoluiu imenso antes de atingir a época atómica em que vivemos. Entretanto o préstimo da aliança luso-britânica não sofreu com o peso dos anos, antes parece ser hoje um instrumento diplomático tão valioso como o foi nos tempos decorridos.

São de ontem as visitas de Lord Malvern, Presidente da Federação das Rodésias e da Niassalândia, um dos mais extensos e ricos domínios da Inglaterra na África Central e Meridional, e da Rainha Juliana, soberana da Holanda, esta carinhosamente acolhida pela população de Lisboa na curta visita que nos fez.

Não vivemos isolados; longe disso. O Mundo conhece-nos e aprecia-nos devidamente, pois longe vai o eco da sábia administração de Salazar e das suas reformas políticas, económicas e sociais.

Não são só as entidades oficiais dos diversos países que para nós olham com simpatia e respeito, são também os povos desses mesmos países. Portugal regista de ano para ano um número cada vez mais avultado de visitantes que aqui verificam uma ordem interna inalterável em contraste com a inquietação que lavra lá por fora.

A poderosa República dos Estados Unidos da América, que hoje comanda o Mundo, mercê dos seus recursos inesgotáveis e da sua força própria, não nos é indiferente. Aqui vêm com frequência as suas esquadras e os seus marinheiros, aqui pousam os seus aviões. Pois a progressiva República americana, por intervenção do seu

## VITRAL ANTIGO

Vitral antigo... além...  
Repara como a luz  
Que parecia querer tudo abrasar,  
Pousa agora na cruz,  
Depois de o atravessar!  
Olha a luz amansou,  
Não pode fazer mal:  
As agulhas de fogo  
Filtrou-as o vitral...

Vitral antigo... além...  
Repara como a luz,  
Vinha do sol, em fogo a dardejar,  
E agora se conduz,  
De manso, para o altar!  
Depois que revestiu  
As cores do vitral,  
Já transfigura a dor  
Em tons de festival...

Vitral antigo... além...  
Só porque lá passou,  
Vestiu de festa a luz, buscando alguém.  
Tudo nela amansou,  
Já não fere ninguém...  
Mudar a noite em dia,  
Mudar o mal em bem...  
Quem dera que os meus versos  
Fossem assim também!

Quem dera nos meus versos  
Este condão amigo:  
Mudar a noite em dia e o mal em bem!  
Serem vitral antigo,  
Que leve a luz a alguém,  
De quem sejam conforto,  
De quem sejam abrigo!

Quem dera que eles sejam  
Como um vitral antigo!

AGOSTINHO VELOSO, S. J.

# Instituto Nacional do Trabalho e Previdência

## NOTA OFICIOSA

### DIA 1.º DE DEZEMBRO

ALGUMAS consultas têm sido feitas a esta Delegação sobre o regime de trabalho a observar no dia 1.º de Dezembro.

Compreende-se a dúvida porque houve tempo em que este era o único feriado de paralisação das actividades imposto por lei.

O decreto n.º 38.596, de 4 de Janeiro de 1952, regulamenta, na generalidade, a matéria de feriados e de paralisação e a remuneração obrigatória dos trabalhadores nestes dias.

Os Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho podem fixar, para as respectivas actividades, outros dias de paralisação, descanso e encerramento.

Não é obrigatória a paralisação geral no dia 1.º de Dezembro, mas são obrigados a encerrar e a dar descanso ao seu pessoal os estabelecimentos comerciais e industriais representados pelos Grémios do Comércio, Grémio dos Industriais Barbeiros e Cabeleiros do Distrito de Braga, Grémio Nacional dos Industriais de Cerâmica, Grémio Nacional dos Industriais de Botões e Grémio dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação.

O Grémio do Comércio de Barcelos requereu a transferência do encerramento para o dia dois, por ser dia de feira e ter lugar naquele concelho o Cortejo de Oferendas em favor do Hospital, no dia um.

Obtido parecer favorável do Sindicato respectivo, foi deferida a pretensão.

De igual forma foi autorizado que os estabelecimentos estivessem abertos no dia um e encerrados no dia dois, no Concelho da Póvoa de Lanhoso, por solicitação do Grémio do Comércio de Braga.

Aproveita-se o ensejo para lembrar alguns princípios que, sem explicação, os interessados por vezes afirmam ignorar:

- 1.º — São feriados gerais de paralisação obrigatória, de encerramento dos estabelecimentos e descanso do pessoal, os seguintes dias santificados pela Igreja Católica:
  - Circuncisão (1 de Janeiro);
  - Corpo de Deus;
  - Assunção (15 de Agosto);
  - Todos os Santos (1 de Novembro);
  - Imaculada Conceição, (8 de Dezembro);
  - Natal (25 de Dezembro).

2.º — No dia de Festa Nacional ou «Dia de Portugal» — 10 de Junho — é também obrigatória a cessação de todas as actividades;

3.º — São feriados com descanso do pessoal, os dias consignados nos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho;

4.º — Aos trabalhadores de carácter permanente, incluindo os dos estabelecimentos fabris do Estado, é devido o pagamento da remuneração nos dias de paralisação ou de cessação das actividades;

5.º — Para compensação dessas remunerações o número de horas de trabalho, correspondentes aos feriados, pode ser distribuído pelos dias antecedentes ou subsequentes, até ao máximo de duas, mediante prévio aviso ao Instituto Nacional do Trabalho e Previdência;

6.º — A remuneração é sempre devida, independentemente de se verificar ou não a compensação, cuja utilização é uma faculdade das entidades patronais.

Portanto, nem a dificuldade dessa compensação, nem a «preferência» dos trabalhadores pela sua não realização dispensa o pagamento;

7.º — A sanção é uma multa igual ao triplo das remunerações devidas.

Com essa multa são cobradas as remunerações que não tiverem sido pagas e que os interessados podem também exigir por intermédio do Tribunal;

8.º — Esta faculdade de compensação, por excepcional, não pode ser utilizada por qualquer outra razão, ou sob qualquer pretexto.

O próximo dia 8 de Dezembro é feriado de cessação obrigatória de todas as actividades.

Braga e Delegação do I. N. T. P., aos 19 de Novembro de 1955.

O DELEGADO,

Valentim de Almeida e Sousa

## António Teixeira

### ALFAIATE

Confeciona toda a obra para Senhora, Homem e criança.

Perfeição

Ótimo acabamento  
Preços Módicos

Rua D. António Barroso, 56-1.º, por cima da Casa dos Móveis

Ministro de Estado, Foster Dulles, convidou o nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Paulo Cunha, a visitar Washington ainda no mês que está correndo. Nunca, em qualquer época histórica, Portugal disfrutou um prestígio tão assinalável.

Bom é que o sintam todos os responsáveis pela conduta do Mundo, até o sr. Nehru.

CARLOS RATES

## Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — As Sr.ªs D. Maria de Lourdes Matos V. Lopes Corrêa, D. Maria Berta de Castro Ferreira e D. Maria Assunção Lousada e os Snrs. António Carvalho de Figueiredo e Amadeu Pedras.

Amanhã — A Snr.ª D. Maria Regina Faria Leite e o Snr. Joaquim António Areal Rottes.

Sábado — As Snr.ªs D. Adélia Cacilda de Oliveira Esteves, D. Maria do Carmo dos Santos Martins da Silva Corrêa e D. Maria Manuela de Faria Duarte.

Terça-feira — A Snr.ª D. Maria Cândida Veloso de Araújo Novais e a menina Margarida Maria Quinta da Costa Reis.

## CINEMA

Hoje, às 21,30, será exibido no Cine-Teatro Gil Vicente, a inolvidável e graciosa comédia:

### Coisas de Mulher

Uma mulher enfrenta um dilema difícil: O matrimónio e a profissão.

Com a assombrosa e mais bela do que nunca Zully Moreno, acompanhada de Angel Mangana.

Aconselhável ao público feminino. Para 18 anos.

— No próximo domingo, três sessões para apresentar a obra-prima de beleza cativante:

### Ivonhoe «O Vingador do Rei»

Uma história de amor e aventuras passada na heróica época do cavaleirismo.

Com Robert Taylor, Elizabeth Taylor, Joan Fontaine, George Sanders, e muitos outros.

Um espectáculo gigantesco, em technicolor, da Metro Goldwyn Mayer. Para 13 anos.

1.ª sessão às 14 30, 2.ª às 16,30 e 3.ª às 21,30.

— A sessão no 1.º de Dezembro, com a estreia do filme alemão, AS PISTAS CHEGAM A BERLIM, é em benefício do Hospital da Misericórdia. De esperar é que seja uma casa cheia, atento ao bom filme e ao fim em vista.

## Exames

Ficaram aprovadas no exame de admissão às Escolas do Magistério Primário de Braga, Bragança e Porto, as gentis barcelenses Snr.ªs: D. Alzira da Silva Ribeiro, D. Maria Alice Fitas de Miranda, D. Arminda de Sousa Faria, D. Maria de Lourdes Moreira, D. Maria Luisa Paula Pereira, D. Maria Manuel Cibrão Coutinho, D. Maria Julieta de Sousa Cunha e D. Maria do Carmo Pimenta.

Muitos parabéns

Leia e propague

Jornal de Barcelos

# Mensagem de Sua Eminência O CARDEAL PATRIARCA

(Continuação da página 1)

Não falo daquela fatal imperfeição humana de que se acusam os santos. Os que mais se aproximaram do Mestre, que é o Verbo que exprime toda a santidade, foram os que mais se reconheceram e confessaram pecadores. Viam-se na Luz infinita.

Nem vale observar que em nenhum período da história, salvo no das perseguições, o clero no seu conjunto foi tão observante e zeloso.

Isto não obsta a que o rosto da Igreja, tal qual o vê o mundo, se apresente coberto de ultrajes, como a Face do Senhor na Paixão. Quem não deixará de lamentar, além das traições e apostasias, em muitos daqueles que representam a Igreja, certa preocupação de instalação cómoda na vida, o gosto vilão de domínio e prepotência, ávida sede de divertimento e dissipação, frivolidade e leviandade de proceder, desinteresse pela iluminação e purificação sobrenaturais das almas, falta de profundidade de oração e de cruz de penitência, indiferença pelos «pequeninos» do Evangelho, que pedem pão e não têm quem lho dê, pão do corpo e pão do espírito, untuosidade de linguagem vazia de sinceridade profunda, cupidez dos bens da terra?...

O que muito doi às almas sequiosas de justiça e amor, que procuram na Igreja a Cristo, ou às almas amantes, que já O encontraram — o que muito lhes doi e desconcerta, é não encontrarem em nós, nós os reveladores dos tesouros do amor do Coração de Jesus Nosso Senhor, o drama vivo, ardente, dum amor fulgurante, imperioso, que nos não consente descanso nem consolação, senão em fazer e ver o Senhor conhecido e amado; é este silêncio na nossa vida do cântico novo que incessantemente cantam apóstolos e mártires e confessores e virgens, enamorados de Cristo e felizes por sofrer por Ele; é a opacidade de uma Fé que se não engolfa nos abismos luminosos da contemplação divina, não ilumina em torrente de luz deslumbrante os olhos obscurecidos dos que procuram Jesus para ver na certeza e na paz, não estremece, não chora aos pés da Cruz do Senhor e não canta de alegria, triunfo e esperança na manhã de Páscoa; é esta nossa indiferença perante o mistério das dores dum mundo novo que nasce, e da aurora das esperanças das sementeiras de Deus, e das almas que se perdem porque não encontraram samaritanos bons no seu caminho errado, e do escândalo do pecado que fez morrer o Senhor na Cruz.

A muitos que vêm a Igreja só de fora, sem portanto a compreender esta mediocridade e a demissão ou incompreensão perante a missão da Igreja no mundo contemporâneo, tem-nos levado a falar do envelhecimento e ineficácia da própria Igreja.

Num artigo célebre, intitulado «Pois, apesar disso, permaneço católica», a escritora alemã Ida Görres denuncia cruamente, dir-se-ia toda a vibrar de cólera, tais misérias da Igreja contemporânea, para concluir num grito, num cântico, num êxtase de amor, de confiança, de submissão à Igreja. Porque esta Igreja é a Igreja de Cristo, a portadora mil vezes bendita da verdade, da graça, do amor, fora da qual não há salvação.

Aprofundando este mistério das «misérias da Igreja», talvez haja de se descobrir nele uma inesperada homenagem à mesma Igreja.

Desviemos o escândalo dos fariseus que condenam em nós o que ostentam neles, muito pior. A sua acusação não é protesto da Fé traída, ou pelo menos mal servida. É pretexto de justificação para se cegarem no meio do esplendor da luz. Por que acusam as nossas fraquezas se negam as exigências, as terríveis e doces ao mesmo tempo, exigências da Verdade e do Amor que lhes revela a Igreja? Que estranho fervor os tomou ao zelarem nos outros a Lei de Cristo, se a desprezam e combatem?

Mas no fundo de muita acusação não poderá deixar de se ver a presença vital da Igreja. Somos vistos e julgados pela própria luz que ela espalha. A luz d'Aquele que é a Luz do mundo. Certos juízos são um apelo implícito a Cristo. Representam, sem o saberem, uma adesão real à Igreja. Algumas vezes, a cólera (como no caso de Görres) é a indignação do amor; a censura é a proclamação viva da Fé Cristã. O que nos denuncia e acusa, e condena, é aquilo que nós mesmos ensinamos em nome da Igreja. Se não somos os seus ministros que deveríamos ser, quem o ensinou senão ela, a nossa Santa Mãe, a Mestra infalível, a Esposa fiel, a zelosa depositária do tesouro divino da Revelação?

Digamos mais. As próprias misérias da Igreja são objecto da Revelação. É nesta que alcançam o seu sentido e o seu resgate. O seu sentido de pecado, fruto da fragilidade humana; e o seu resgate, pela oração e pela penitência. A Igreja terá sempre a manchar a sua túnica temporal, até à transfiguração gloriosa da ressurreição final, esta nódoa de misérias, porque é composta dos homens que somos todos nós. Mas tudo nela é feito para a glória de Deus e a salvação dos eleitos, até aquilo que a desfigura. Ela existe no mundo para revelar e reparar todo o pecado; onde abun-

# Fábrica de Malhas do Ameal, L.<sup>DA</sup>



Meias Finas Cotton de Nylon

Meias Finas Cotton de Fio de Escócia



Telefone **40432**

Rua do Ameal, 709 — **PORTO**

## Exposição de elementos relativos às Comemorações Nacionais do 1.º Centenário do Nascimento de D. António Barroso

Na Montra principal da «Casa Ràjá», durante alguns dias, estiveram em exposição dois artísticos álbuns com fotografias dos diversos actos das Comemorações Nacionais do 1.º Centenário do Nascimento do saudoso e ilustre barcelense D. António Barroso, dois estojos contendo cada um três medalhas — de ouro, prata metal para serem oferecidas aos eminentíssimos Cardial Patriarca de Lisboa e Cardeal Arcebispo de Lourenço Marques, dois estojos contendo também cada um iguais medalhas para serem entregues a S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente do Conselho e ao Senhor Comandante Sarmiento Rodrigues, então Ministro do Ultramar e ainda diversos estojos com uma e duas medalhas e muitas medalhas de metal que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal vai fazer oferta a outras entidades que toma-

ram parte nas referidas comemorações.

A composição das medalhas, é a seguinte: *no verso* — ao centro: a figura de D. António Barroso, envolvendo na sua capa dois grupos de humildes; em volta: D. António Barroso — Bispo do Porto — Prelado no Ultramar — 1854-1818; *no verso* — ao centro e em cima: as armas nacionais; em baixo: as armas municipais e lateralmente, Cruzes de Cristo; em volta: Comemorações Nacionais no 1.º Centenário do Nascimento — 5 — Nov. — 1954.

Os álbuns com capas forradas a damasco púrpura, folhas de cartolina com bordos dourados, elementos decorativos em prata dourada e cinzelada e pergaminho com eluminuras tinham nas capas ao centro as armas Nacionais, à direita as armas cardinais, à esquerda as armas de Barcelos, em cima, «D. Antó-

nio Barroso 1854-1918» e em baixo «Nov. — 1954 Comemorações Nacionais».

Os estojos com medalhas, que vão ser entregues, aos eminentíssimos Cardiais são forrados com damasco púrpura no exterior e veludo púrpura no interior e os que vão ser oferecidos a Suas Excelências o Senhor Presidente do Conselho e ao antigo Ministro do Ultramar de veludo graná no exterior e veludo azul no interior.

Os estojos com duas medalhas, uma de prata e outra de metal, são forrados com veludo vermelho no exterior e azul no interior e os com uma medalha (metal) pergamoide no exterior e veludo azul no interior.

Os valiosos álbuns que vão ser oferecidos aos eminentes Cardiais estavam encerrados em caixão com fundos de ve-

ludo púrpura e lados e tampos de glaceplex (vidro plástico).

As medalhas de ouro tinham o peso de 37,20 grs. e as de prata 30 grs.

A cunhagem das medalhas foi feita pelo Snr. Manuel Vieira da Silva e a estampagem pelo Snr. António Pereira Tuna, ambos do Porto.

Os estojos das medalhas e álbuns foram confeccionados por «A Veludina», da cidade do Porto.

Encarregaram-se da execução dos pergaminhos dos álbuns as «Franciscanas Missionárias de Maria», os motivos cinzelados foram feitos nas oficinas de Gomes, Filhos & Sá, da Póvoa de Varzim e as encadernações nas oficinas de Araújo & Sobrinho, Porto.

Os desenhos foram delineados pelo nosso prezado amigo Snr. José da Silva Guedes da Encarnação, funcionário su-

## Mercado semanal

A feira semanal que se tinha de realizar no dia 8 de Dezembro, em virtude deste dia ser dia santificado, ficou transferida para o dia seguinte, sexta-feira 9 de Dezembro.

## Operação

Em Lisboa, foi submetido a uma intervenção cirúrgica que decorreu com êxito, o nosso prezado amigo e assinante Snr. Raul Lourenço, gerente da agência desta cidade do Banco Pinto & Sotto-Mayor.

Fazemos votos pelo seu pronto e completo restabelecimento.

perior da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Barcelos.

dar o mal, superabundará a graça; do homem decaído fará um filho de Deus; a flor da santidade surgirá sempre do apodrecido tronco renovado; a Fé, o Amor e a Cruz repararão todo o pecado; a estrela de alva da Esperança cristã brilhará indefectivelmente sobre todas as perseguições e dores.

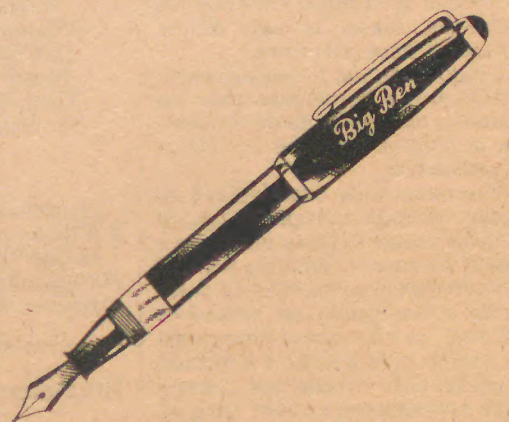
(CONTINUA)

Transcrito do «Correio do Minho», com a devida vénia.

Já conhece a afamada  
caneta alemã

«**BIG-BEN 44**»?

Experimente usá-la e verificará  
que é a única que lhe convém.



# Vida Desportiva

## Campeonato Nacional da II Divisão

Decididamente o nosso representante anda com grande azar. E, em futebol, o factor sorte é factor muito importante. Nas suas deslocações a Coimbra e à Póvoa de Varzim o Gil Vicente regressou com derrotas tangenciais mas, segundo os relatos desses encontros e se neste jogo da bola houvesse lógica, se os grupos visitados em vez de vitórias tivessem conseguido empates parece que não tinham que se sentirem tristes.

Mas, ainda maior azar, teve o grupo local no jogo que disputou no pretérito domingo, no seu campo, contra o «leader» da classificação o Sport Comércio e Salgueiros.

O domínio que o nosso grupo exerceu, as ocasiões soberanas de golo que perdeu e o ponto que sempre conseguiu meter não chegaram para vencer porque, à falta de mérito do adversário, a defesa local em jogadas infelizes proporcionou-lhe as ocasiões suficientes para conseguirem a vitória...

É assim o futebol. E certamente por ser assim é que este popular desporto continua a ser o rei dos desportos.

Domingo, o Gil Vicente, na disputa da última jornada da primeira volta desloca-se a Guimarães onde defrontar-se-á com o Vitória de Guimarães.

Conhecemos bem o valor do grupo vimaranense e portanto não alimentamos quaisquer ilusões quanto ao seu desfecho.

Todavia confiamos, como até aqui, no brio dos nossos atletas e assim, esperamos que consigam um resultado honroso para a sua equipe.

A classificação com que o Gil Vicente vai terminar a primeira volta não está conforme com as suas exhibições nem traduz, de modo algum, com o seu real valor.

Estamos esperançados que, na segunda volta, o azar não continui a acompanhar, tão de perto, o grupo barcelense.

Mas, é preciso também que a massa associativa do Gil Vicente cerre fileiras em sua volta e não deixe de animar e amparar tanto mais que os seus atletas têm-se empenhado, em todos os jogos, com grande entusiasmo e vontade de acertar.

### Gil Vicente, 1 — Salgueiros, 2

Domingo, no campo Adelino Ribeiro Novo, registou-se a maior enchente da época. Muito antes da hora marcada para início do jogo do grupo local com o Sport Comércio e Salgueiros já o campo, completamente cheio, apresentava um lindo aspecto.

O grupo visitante que comanda a classificação deslocou-se até nós acompanhado por uma numerosíssima falange de apoio.

O Salgueiros entrou a jogar com grande entusiasmo e aos quatro minutos, devido a um espectacular falhanço de Seródio, marcou o seu primeiro golo. Depois disso os barcelenses lançaram-se deliberadamente ao ataque, obrigando Barrigana a um punhado de boas defesas. No último quarto de hora o domínio local acentua-se mais ainda. Na marcação dum canto, a bola sai rente à trave, com Barrigana batido. Seguidamente Nova teve um potente remate que o guarda salgueirista segurou com dificuldade e depois Anibal, com Barrigana fora do seu lugar, rematou para fora.

Apesar do domínio barcelense os visitantes, em contra-ataques rápidos e bem conduzidos conseguem causar algum pânico na defesa local.

Na segunda parte, logo nos primeiros momentos, aos quatro minutos, o Gil Vicente, por intermédio de Gelucho consegue o empate. A partir de então o domínio foi completo.

Gelucho e Arantes, em ocasiões soberanas, fazem o mais difícil, atirando a bola para fora.

O jogo continua a desenrolar-se com o grupo barcelense todo ao ataque e os jogadores do Salgueiros, a multiplicarem-se em esforços, na defesa.

Pela meia hora duas fugidas do grupo visitante obrigam Augusto a outras tantas defesas mas logo a seguir, Arantes e Gelucho, perdem de novo ótimas ocasiões de colocarem o seu grupo em vencedor.

Estava escrito que os barcelenses tinham que perder e a grande surpresa, para arrelia dos desportistas barcelenses, sempre chegou.

Numa jogada que parecia inofensiva, Eduardo e Valdemar ao

disputarem a bola entre si fizeram com que ela fosse aos pés dum adversário que, imediatamente, a devolveu para o centro do terreno onde Antonete, só e à vontade, não teve dificuldade em fixar o resultado do jogo, colocando o seu grupo em vencedor.

O resto do desafio continuou a ser disputado no meio campo e na grande área do grupo visitante mas sem qualquer alteração no marcador.

E assim terminou mais um desafio em que o grupo barcelense não conseguiu vencer apesar de jogar melhor, conservar a bola mais tempo em seu poder e exercer um grande domínio em quase todo o jogo.

Os melhores do Gil foram Augusto, Canário e os médios Nolito e Vieira, sobretudo estes dois últimos que foram incansáveis em fornecer jogo à linha avançada e nas melhores condições. Os restantes esforçaram-se mas não há dúvida que os avançados não conseguiram construir a vitória e a defesa foi culpada em ambos os golos que sofreu.

A arbitragem do Sr. Mário Garcia, de Aveiro, foi imparcial.

O Gil Vicente, alinhou:

Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Nolito e Vieira; Nova, Gelucho, Arantes, Canário e Anibal.

Os outros resultados da jornada, foram:

Tirsense — Leixões, 5-1  
Vianense — D. Chaves, 5-2  
U. Coimbra — Vitória, 0-1  
Boavista — Os Leões, 2-2  
Acad. Viseu — Peniche, 4-2  
Sanjoanense — Espinho, 3-0

No próximo domingo, disputa-se a última jornada da primeira volta. O Gil Vicente desloca-se a Guimarães onde jogará com o Vitória daquela cidade.

Anunciem no

**Jornal de Barcelos**

## Brigadeiro Beleza Ferraz

No domingo, num avião militar, partiu para Madrid a delegação portuguesa à 3.ª reunião dos estadores-maiores peninsulares presidida pelo nosso ilustre conterrâneo Senhor Brigadeiro José António Beleza Ferraz.

## Pedido de Casamento

Para o nosso amigo e distinto Professor Primário Sr. Fernando Soares, por seus pais Sr. Manuel António Gonçalves, oficial do exército e sua esposa D. Florentina Soares da Cunha foi pedida em casamento a distinta Professora Primária e nossa ilustre colaboradora D. Maria Salomé Alves Pereira, filha de Joaquim João Pereira, já falecido, e de D. Guagerina Alves Pereira.

O enlace realiza-se brevemente.

## Hospital da Misericórdia

No próximo domingo, encontra-se de serviço permanente, o Sr. Dr. Mário Queirós.

## Nascimento

Em Barcelinhos, a esposa do nosso amigo e assinante Sr. António Augusto dos Santos, deu à luz uma criança do sexo feminino. Muitos parabéns.

## Mocidade Portuguesa

Nesta cidade e na Casa da Mocidade, no passado domingo, principiou a actividade do período 1955/56, dos Centros Escolar e Extra-Escolar da Mocidade Portuguesa.

## Doentes

Em tratamento, no Hospital D. Manuel II, em Vila Nova de Gaia, encontra-se internada no pavilhão de Cardiologia, a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria de Lourdes Matos Carvalho, dedicada esposa do nosso amigo Sr. António Teófilo Carvalho e filha muito querida da nossa estimada assinante Sr.ª D. Maria Deolinda Torres Matos, activa proprietária da conceituada Pensão Bagoeira.

— Há dias que se encontra doente a simpática filha da Sr.ª D. Maria Isabel Carvalho Matos e do nosso amigo e assinante Sr. Armindo Matos, digno proprietário do conhecido Café e Bar Matos. Desejamos-lhes rápidas melhoras.

## RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Av. Dr. Oliveira Salazar, 40

## FALECIMENTOS

### D. Rosa das Dores Neves Martins de Sousa

Na manhã de segunda-feira faleceu nesta cidade, na sua residência sita à Rua Duque de Bragança, a Sr.ª D. Rosa das Dores Neves Martins de Sousa, de 59 anos de idade.

A saudosa finada era casada com o nosso prezado amigo Sr. Manuel de Sousa, industrial de panificação, mãe das Sr.ªs D. Maria Helena e D. Maria Leticia Martins de Sousa e dos nossos amigos Srs.: António Manuel, António, Jorge Valeriano, Viriato e Luís Filipe Martins de Sousa; irmã das Sr.ªs D. Maria José Neves Martins, viúva e D. Idalina da Glória Neves Martins Ferreira e do Sr. António Neves Martins; sogra das Senhoras D. Maria do Sacário de Figueiredo Sampaio Sousa e D. Rosalina da Costa Ferreira Sousa e cunhada da Senhora D. Maria das Dores Teixeira Martins e dos Srs. Doutor Viriato Lusitano Alves Ferreira, Eduardo Sousa e Carlos Sousa.

O seu funeral realizou-se na tarde de ante-onde da sua residência para o cemitério Municipal.

### D. Maria Lourenço

Na freguesia da Silva, no Lugar da Aldeia, faleceu na passada 2.ª-feira a Sr.ª D. Maria Lourenço, viúva, de 93 anos de idade.

A simpática velhinha era mãe dos nossos amigos Senhores Manuel de Sousa, industrial de panificação, Eduardo Sousa, proprietário e sócio do Café Monumental desta cidade e Carlos Sousa.

O seu enterro efectuou-se ontem de manhã da sua residência para o cemitério parquial da Silva.

*Jornal de Barcelos* envia os seus sentidos pêsames às famílias em luto.

**As mais lindas Rosas de Portugal**  
**As mais famosas árvores de fruto**



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

## Fogão de Sala em ferro esmaltado

Cor azul, com o interior revestido a tijolo refratário. Muito económico. Preço em conta. Vende:

Fernando Valério de Carvalho  
**BARCELOS**

## Da Administração

Pagaram as suas assinaturas referentes a 1955, os Senhores:

### Por 1 ano

P.º David de Oliveira Martins, Dr. Fernando Faria Salazar, João Manuel de Barros e P.º José Ferreira, Braga; Professor Carlos Martins, P.º Francisco Cubelo Soares, Feliciano Lopes Gomes e José Martins Leiras, Esposende; José António Vieira, Torres Vedras; Manuel Neiva Maciel, Ordasqueira; Luís da Costa Pereira de Brito, Silva; Ilídio Ponte de Faria, Paradelá; Comissão de Vitivinicultura, Manuel de Castro Gomes, D. Manuel José Vessadas de N. Távora, D. Maria José Novais, Eng.º Miguel Vieira de Sousa Basto e Alfredo Rodrigues, Porto; Gabriel Campelo Dias, Barcelinhos; José Duarte Vale e Manuel Pinheiro Barbosa, Campo; João Rodrigues do Vale, Couto; Alberto da Costa Pinto e Manuel Araújo Ferreira, Cambezes; António Martins Baptista, Cossourado; P.º Francisco Miranda Linhares, Freixo; António Dias Novais, António de Jesus Carneiro, P.º António Areias da Costa, António da Silva Faria, Joaquim dos Santos Ribeiro, José da Silva Nunes, D. Laurinda da Silva Azevedo e Rodrigo Pereira Pimenta de Castro, Vila Seca.

### Por 2 anos

Adelino Gomes Lobarinhas e Manuel Gomes de Faria, Vila Seca.

### Por seis meses

João Conde Evangelista, Joaquim Brochado e P.º Pires Afonso, Esposende; José Augusto de Lucena, Setúbal; Dr. José Rodrigues Gomes e Manuel Luís Aviz de Brito, Porto; Isaias da Cruz Faria, Estarreja; João Garcia Presumido, Braga; D. Maria Celestina Ferreira Carmo Pinheiro, Campo; Joaquim Simões, José Moreira da Costa, Rogério Esteves, Adolfo Cibrão, João de Oliveira Barros, Filipe Ferreira Vale, José Martins Macedo e Silva, Dr. Manuel B. de Lima Torres e Cândido Cunha, Barcelos; Manuel António Rodrigues, Fernelos; António do Vale Frias e Severino dos Santos Faria, Barcelinhos.

## Cão

Perdeu-se um de raça perdigueiro, de cor amarelo e branco às pintas.

Agradece-se a quem souber do seu paradeiro e o entregue a Eduardo Pereira Gomes, no lugar das Calçadas, com telefone 8550.

## Garrafas

Vendem-se um lote de 4.000, em conjunto ou em fracções, tipo resistente. Informa João de Sousa.

## ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a **CASA SOUCASAUX** TELEPHONE 8345

Fotografias — Rádios — Oculos Artigos fotográficos, etc.

**BARCELOS**

Seja assinante do

**Jornal de Barcelos**

# Correio das Aldeias

Silveiros, 15

**Silêncio que findou...**—Como nem sempre tudo corre a nosso bel-prazer, e em muitas circunstâncias daí advêm graves consequências, também nós, embora sempre desejosos de engrandecer o bom nome de Silveiros, fomos absolutamente obrigados a interromper o nosso noticiário para o simpático «*Jornal de Barcelos*» que é, afinal, o jornal em que os nossos estimados leitores, e dum modo especial os silveirenses, quer presentes—e ainda mais—os ausentes, sempre ansiosos por novidades da terra que os viu nascer, se habituaram, desde há bastantes anos, a procurar primeiramente o «*Correio das Aldeias*» para aí lerem com todo o interesse a habitual «*carta de Silveiros*».

Que nos perdoem o lamentável interregno, sempre motivado por afazeres profissionais, e prometemos continuar, sempre que nos seja possível a nossa espinhosa missão, pois vontade para o fazer nunca nos faltou e jamais nos faltará, apesar das contrariedades que geralmente surgem a todos quantos se dedicam a escrever para os jornais. Mas nós, com o auxílio Divino, tudo levaremos de vencida e nunca ficaremos com remorsos daquilo que a nossa pena modestamente vai rabiscando, conforme elementos que vamos obtendo, nem sempre com aquela prontidão que seria para desejar.

**Excursões**—Todos os anos, e durante a quadra calma que há pouco findou, é raro o dia que aqui não passam numerosos e luxuosos auto-carros repletos de excursionistas, provenientes de diversos pontos do País que, em digressão turística, procuram melhor conhecer as belezas deste Minho sempre encantador e, dum modo especial, as suas cidades e vilas que daqui se estendem até à fronteira luso-galaica. Isto sem contar outros grupos de excursionistas que transpõem a fronteira e lá vão conhecer terras da vizinha Espanha.

É claro que, para a organização destes magníficos passeios há, em muitas terras, grupos ou sociedades de recreio e cultura, cuja função principal é a organização de sessões de estudo e cinema, passeios, leituras, etc., do que advêm grandes vantagens culturais para todos aqueles que a tais agremiações estão ligados e que geralmente, são as classes menos bafejadas pela fortuna, pois os capita-

listas têm outras facilidades para realizarem os seus passeios, ir aos cinemas, etc., etc.

Desde há tempos a esta parte que vimos pensando nos benefícios que um organismo daquele género, fundado nesta localidade, podia proporcionar às classes trabalhadoras de Silveiros e até arredores.

Em consequência do que deixamos escrito, se porventura encontrarmos mais dois ou três amigos que conosco queiram colaborar, iremos brevemente iniciar os trabalhos para a fundação, na nossa terra, da «*Sociedade de Recreio e Cultura Popular de Silveiros—Barcelos*».

Vamos procurar expor claramente a nossa iniciativa a todos os queridos conterrâneos e estamos certos de que a criação daquele organismo em Silveiros será uma realidade, a não ser que surjam obstáculos realmente intransponíveis.

Para os sócios e famílias pobres, estabelecer-se-ão cotizações semanais muito suaves e no fim de cada ano todos terão oportunidade de dar um passeio turístico por terras que certamente muitos nunca visitaram, e que se assim não fosse, jamais conheceriam.

Esperamos muito brevemente iniciar a campanha para tal organização, e esperamos, também, a valiosa cooperação do *Jornal de Barcelos* que ficará sendo o órgão da «*Sociedade de Recreio e Cultura Popular de Silveiros—Barcelos*».

Silveirenses: ávante!...

**Visitantes**—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia, o que registamos com o maior agrado, os nossos prezados amigos Srs. Augusto Gomes de Araújo, digno Presidente da Junta da vizinha freguesia de S. Romão de Fonte Coberta, e seu filho, José Miranda de Araújo, activo funcionário da Administração dos Portos do Douro e Leixões.

Igualmente nos deram a honra dos seus amáveis cumprimentos, o que gostosamente retribuimos, os nossos também amigos, Srs. João do Vale Vilas Boas, incansável Presidente da Junta da vizinha freguesia de Góios, e Herculano Miranda de Andrade Figueiredo, conceituado funcionário da «*Sociedade Agrícola Quinta de S. Miguel, Lda*», da vizinha freguesia de S. Miguel da Carreira, do nosso concelho.

## Liga de Cegos «João de Deus»

A Liga de Cegos «João de Deus», apesar de ser a Colectividade de cegos mais recente no nosso País, é, a que sem sombra de dúvida, mais se esforça para tentar a melhoria do nível de vida dos cegos, e a que mais intensamente vive e luta pela resolução do problema da causa tiflófila.

Os principais fins da Liga são:

a) — Estabelecer entre os sócios cegos os mais estreitos e puros laços de união e fraternidade;

b) — Empregar todos os meios ao seu alcance para a criação de uma escola para cegos, na qual se ministre o ensino moral, intelectual e profissional, em vista a uma hábil e sólida preparação que lhes faculte o ingresso na Sociedade e o triunfo na luta pela vida;

c) — Adoptar todas as medidas viáveis para a colocação dos sócios cegos, profissionalmente habilitados;

d) — Procurar conhecer e diligenciar resolver todas as dificuldades em que se debatem os sócios cegos;

e) — Dispensar toda a assistência possível aos sócios cegos em caso de doença;

f) — Vestir e calçar os filhos menores dos sócios cegos até à idade de dez anos, ao menos uma vez cada ano;

g) — Custear os funerais dos sócios cegos;

h) — Estender a sua esfera de acção a todos os cegos portugueses, à medida que aumentem as suas possibilidades;

i) — Cooperar activamente com as autoridades no combate à mendicidade e ao analfabetismo entre os cegos.

A clarividência destes fins, torna a Liga credora de uma especial simpatia e de um prestígio já de elevado mérito. Porém para pôr em prática a obra expressa nos seus fins, a Liga de Cegos, por não ter rendimentos de bens próprios, nem fundo disponível para levar ao termo tão sublime empreendimento, vê-se na necessidade de recorrer aos corações benfazejos, solicitando ajuda para a iniciativa que se propõe efectuar.

Mais uma vez a Liga de Cegos, vai promover uma festa dedicada às crianças filhas dos sócios cegos, na qual será distribuído vestuário, calçado e servido um lanche a todos os presentes.

Todas as pessoas podem colaborar nesta humanitária festa, quer inscrevendo-se como sócios, quer concedendo donativos em dinheiro, vestuário, calçado ou víveres, etc., etc. Bastando para tal, enviar para a Rua Eugénio dos Santos, 153-1.º — Tel. 34808 ou mandar buscar onde quer que seja.

Contribuir nesta filantrópica obra, é ter a certeza que a sua participação reverte única e exclusivamente em proveito dos cegos e seus filhos.

A todas as pessoas caridosas recomendamos esta instituição beneficente.

## Proprietários e Automobilistas!!!

**Precisam de realizar capital? Vejam antes de tudo, as condições que a Empresa Predial Nortenha vos oferece. Consultem-nos no vosso próprio interesse. Transacções realizadas em 24 e 1 hora, respectivamente. Máximo sigilo.**

**EMPRESA PREDIAL NORTENHA**  
Colham referencias

Trav. Sá da Bandeira, 10-1.º \* Filial: Pr.ª da Alegria, 58-5.º  
Telef. 26706-Porto \* Telef. 35313-Lisboa

## Curso de corte para alfaiates

EM CLASSE E INDIVIDUAL

com o sistema BONCORTE de VELEZ DA MOTTA

INFORMA-SE NESTA REDACÇÃO

## Vende, compra e troca máquinas de costura em 2.ª mão

Grande sortido, simples e secretária Singer e outras marcas de confiança.

Também vende

AGULHAS, ÓLEO, CORREIAS E PEÇAS AVULSO

**Fernando Valério de Carvalho**

Av. Combatentes da G. Guerra, 158 — BARCELOS — Telef. 8345

## Agenda Médica

**Maria Angelina Corrêa**

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS

Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 5398

**FRANCISCO TORRES**

Médico

Consultório:

Rua D. António Barroso — Telef. 8377

Residência:

Av. Alcaides de Faria — Telef. 8210

**António Pedras**

MÉDICO

Doenças do pulmão e Raios X

Consultas das 10 às 12 e das 15 às 17

Residência: Barcelos—Telefone 8287

Av. dos Combatentes, 196 Tel. 8456

Consultório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 70—Tel. 8422

**Camilo Ramos**

Cirurgião-Dentista e Farmacêutico—Doenças da boca e dos dentes—Protese Dentária

Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º

Residência: C. Camilo C. Branco, 62

Telefone 8321

**FARMACIAS DE SERVIÇO**

No próximo domingo, está de serviço permanente a farmácia A MINHA FARMÁCIA, na Avenida C. da G. Guerra.

**Lâmpadas a 4\$00**

Só no

**Armazém Esteves**



**8-4-7-5**

É o número do telefone do motorista Peixoto que vos atende a qualquer hora da noite.

**8-4-8-8**

É o número do telefone da Praça onde durante o dia podem ser procurados os seus serviços.

**Segurança — Conforto Economia**

É o que vos oferece os carros do motorista

**PEIXOTO**

## Explicações

Aditem-se alunos para explicações de Português, Latim, História, Matemática, Filosofia e Físico-Química.

Informa esta Redacção.

LEIA E PROPAGUE NO JORNAL DE BARCELOS

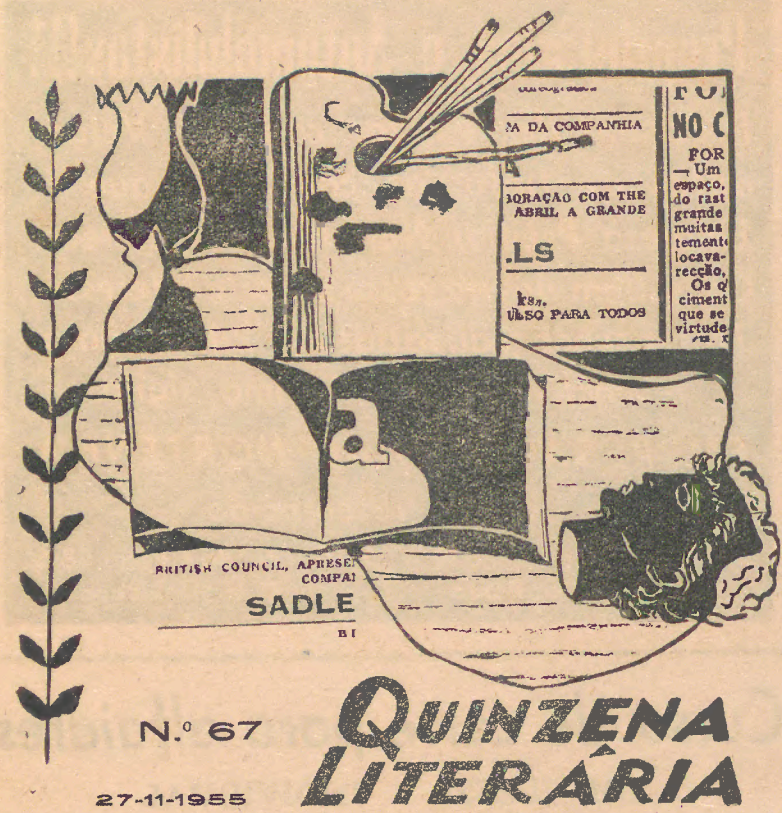
# PROPRIETÁRIOS!!! AUTOMOBILISTAS!!!

**A CONFIDENTE EMPRESTA DINHEIRO S/ PRÉDIOS OU S/ AUTOMÓVEIS E CAMIÕES, TRANSAÇÕES FEITAS EM 24 E 2 HORAS, RESPECTIVAMENTE. MÁXIMO SIGILO.**

**A CONFIDENTE**

**A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS**  
RUA DE S.ª CATARINA, 108-2.º  
(ESQUINA DE PASSOS MANUEL)

Visado pela Comissão de Censura



## PEGUREIRA

Moreninha, moreninha,  
Sendo morena, és tão linda,  
Ó terna pegureirinha,  
Dotada de graça infinda!

Os cordetros vão pascendo,  
E tu, com modo sereno,  
Vais os dias entreitando,  
Que formoso o rosto ameno!

Doira o Sol os vales, os montes,  
Cachos pendem das latadas,  
Murmuram águas nas fontes,  
Ri alguém, ás gargalhadas...

Um melro muito atrevido,  
Esvoaça entre verduras,  
E fita-te, comovido,  
Modelo das criaturas...

Corre o tempo mansamente,  
Junto de ti, da beleza  
Que manténs singelamente,  
Até pasma a Natureza.

Moras num lar aseado,  
Pobrezinho, mas bonito,  
Onde não cabe um pecado,  
Embora leve, restrito...

Foge a luz, descem as sombras,  
Vens tangendo os cordeirinhos,  
Há trinados nas alfombras,  
Recolhem os passarinhos.

Descobrem-se os lavradores,  
Soam «Trindades»... Fagueira,  
Com modos encantadores,  
Voltas, doce pegureira.

Arnaldo de Azevedo Pinto

Casa da Roupeira, Setembro-1955.

## O Triste fado

Por MANUEL FARIA

Os pretos que os antigos colonos portugueses arrastaram de Angola para o Brasil, levaram consigo o batuque, a cujo ritmo obstinado, obsessionante choravam em plangentes melopeias a sua triste sina e as saudades do sertão nativo. Com o rodar dos anos e do encontro dos seus ritmos com os das novas plagas brasílicas se foram compondo, pouco a pouco, danças e cantilenas mestiças, que haviam de inundar as populações das novas cidades, cujas pedras se erguiam à força dos seus ombros para mais tarde se exportarem para a Europa primeiro absorvente e depois absorvida. Assim nasceram danças como o *samba* e o *chiô*, e assim nasceu também o *fado*, que antes de ser canção era dança: — «o *chiô*, a *chula*, o *fado* e a *viola no meio* são as danças populares mais comuns e mais notáveis do Brasil» (Adriano Balbi — Ensaio Estatístico sobre o Reino de Portugal e do Algarve — Paris 1822). Como tantas vezes sucede na evolução das coisas, o principal passou a secundário e vice-versa: assim a cantilena, já de si aparentada com o *lundum* e a *modinha*, foi-se destacando da dança (aliás indecente), até ficar independente e aí temos o *fado-canção*.

Os marinheiros lá o aprenderam pelo Brasil e o trouxeram com o lixo dos navios para os bairros infectos da Capital desse tempo — Alfamas e Mourarias. Mas a sua implantação definitiva neste «Jardim da Europa» deve-se à volta dos fidalgos exilados com a corte a quando das invasões francesas (1822). Assim a palavra *fado* que existia na língua portuguesa desde o século XVI (Carolina Michaelis) só adquire significado musical em Portugal depois da primeira metade do séc. XIX. (Dicionário de Lacerda, 4.ª edição, 1874: «*fado*, cantiga, e dança popular muito característica e pouco decente»). Por aqui se vê o carácter suspeito do *fado* desse tempo, a vegetar nos detritos desesperados das alfurjas e das vielas da capital («Casas de fado»). O capricho do Conde de Vimioso com a meretriz Severa pegou o fogo à decadência romântica de Lisboa na segunda metade do séc. XIX, e foi com a Severa que o *fado* transitou do serralho para a sociedade elegante. As epidemias apegam-se rapidamente, sobretudo quando não há higiene. Foi assim que *fado* inundou o país inteiro, assumindo até aspectos que, se fundamentalmente o não modificaram, ao menos o vestiram de roupagens e atavios para lhe cobrirem a pobre e sifilítica natureza.

Dest'arte José Dória o vestiu de capa e batina em Coimbra aí por 1850 e o Hilário o consagrou para pieguices românticas de jovens estudantes. Vozes autorizadas entretanto se levantaram contra o dilatar da epidemia como o Dr. António Ribeiro dos Santos em Lisboa. António Arroio em Coimbra e Rocha Peixoto cá no Norte. Apesar de tudo uma região pelo menos houve, cuja população autêntica resistiu à invasão — o Minho (podemos lá admitir no meio do sorriso dos nossos trages e da alegria irradiante da nossa paisagem aquele desespero monótono e pretencioso?) Mas a verdade é que hoje se tem quase por crime de alta traição dizer mal do *fado* e só um «desavergonhado» da minha marca é que se atreve a escrever o que aí deixo. É o mesmo. Não se poderá dizer que nem uma voz se levantou contra o abastardamento do gosto musical do povo português e sobretudo do nosso muito amado povo do Minho.

ticamente ao criminoso devaneio com o primo Vítor.

Surgem ao lado destas duas figuras principais, outras de segundo plano na construção do romance mas de primeira grandeza na sua plástica e no movimento sempre harmónico dentro da orquestra formada pelo tríptico de Francisco Costa.

Quantas lições não deu e não aprendeu Ernesto com Rita Pedral símbolo da rapariga moderna, agitada, febril, enganadora, fútil, embora esta Rita Pedral andasse consumida intimamente de uma sede infinita de Deus, essa ânsia que só encontraria, mais tarde, sossego no Carmelo...

O P. Figueira, profundo intelectual com marcada tendência para o experimentalismo psicológico, para não dissociar a teoria da prática, ao lado do piedoso e dinâmico P. Armando; Alzira, a mulher de vida fácil, mas de grande coração, onde foi possível descobrir jóias do mais fino qui-

late; Heitor Mendes, o lírico e cómico Heitor Mendes, capaz de aventuras cautelosamente pseudo-suicidas para salvar a filha tão encantadora e tão doente... Manuel da Câmara, alma ardente de ideal, cineasta insatisfeito, aturdido no labirinto da vida mundana, mas, sempre, com olhos visionários, boa companhia de Ernesto em Roma... e tantas figuras que tomam parte integrante nesta obra maravilhosa que o tempo há-de valorizar cada vez mais, porque o tempo tem o condão de temperar os instintos de certos críticos e fazer subir ao plano de realidade inconfundível uma obra que não tem igual na nossa Literatura.

Esta trilogia de Francisco Costa, se não marca o cume do artista, oferece, no entanto, a quem lê a visão mais deliciosa e confortante por sobre o panorama, tantas vezes árido, das coisas espirituais.

Setembro, 1955.

## Crítica Literária

### O ROMANCE DE FRANCISCO COSTA

«Em busca do amor perdido»

Por A. Rocha Martins

NA história da Literatura Portuguesa do século vinte há-de ficar, com glorioso relevo, o nome de Francisco Costa. Na verdade, a sua obra, cheia de densidade dramática e inspirada num realismo cru e humano da vida é, ainda, repassada do halo doce e contagiante da poesia, o que na realidade, lhe confere um lugar à parte entre os prosadores da sua época. A última trilogia — Acorde Imperfeito, Nocturno Agitado e Cântico em Tom Maior — à qual queremos dedicar algumas palavras de análise, é, indiscutivelmente, um poema sinfónico, de ritmo ascendente, partindo do terrenal encantamento em que se movem as personagens na conquista do amor humano, desse amor pelo qual o homem reconhece que não pode subsistir, aos páramos sublimes da tranquilidade mística e supra-humana, possivelmente «o repouso da consonância».

Nesta obra de Francisco Costa, que se lê com apaixonante prazer, movimenta-se, dentro dos estádios mais reais da vida, e, perdem-se, por vezes, em encruzilhadas lamentas e sombrias, as figuras que o romancista encontrou e que, a nosso ver não são o fruto espontâneo de uma imaginação criadora, mas, antes, realidades arrancadas ao ambiente social em que se agitam nervosamente em apostolado, se entregam apaixonadamente ao estudo ou se confiam à futilidade da vida moderna.

Estas figuras vivem e sentimo-las entrecruzar os mesmos caminhos por onde andamos.

Há drama que emociona e, por vezes, nos faz estremecer a sensibilidade, ao lado de ce-

nas trágicas e arripiantes. E, coisa invulgar, um e outras vasados em estilo sempre aliciante, musical e rescendente...

Que bem o faz realçar o romancista português!

Nas cenas mais chocantes, em que se torna impossível esconder a fereza da realidade — a realidade imunda da luxúria — é de notar a delicadeza descritiva e a leveza psicológica com que os assuntos são tratados obrigando ao leitor a ascender o espírito para regiões mais sublimes e ternas. Não se pode esquecer a figura de Alzira, a desgraçada, o poço de lodo onde brilhavam virtudes esquecidas: ternura, amor, devotamento... Criaturas de Deus, afinal, a reflectirem, de algum modo, a infinita Beleza.

Que bem o faz realçar o romancista numa cena impressionante de realidade e psicologia, quando Alzira confessa o seu medo (mero sentimentalismo religioso?) de passar diante do pano encarnado da igreja... Lá dentro estava uma Realidade.

É ale que fica a noite inteira humilhada no tapete a vigiar o doente, numa bela afirmação de caridade para com o próximo. «A Graça de Deus persiste onde quer; e assim como num charco imundo pode subsistir uma bolinha de água pura onde caiba todo o Sol reflectido, assim no mais íntimo dessa alma...».

E nem se diga que, nestes quadros da obra de Francisco Costa, há a separação do artista e do católico. Afigura-se-nos bem segura e estreita esta união, embora o autor de «Em Busca do Amor Perdido» regeite o título de romancista-católico e prefira antes ser um católico que escreve

romances... Na verdade esta trilogia é profundamente construtiva e encaminha o leitor num sentido de emancipação do sensual, em ordem ao Bem pela noite escura dos sentidos».

Ernesto e Lalita — personagens centrais e principais de todo o enredo — não se perderam e é fácil encontrá-los com aqueles pormenores ou notas individuas que o romancista lhes descobriu.

É curioso assinalar o facto de terem percorrido caminhos opostos e tantas vezes em consonância, por natural fluência e poder descritivo do artista. Aos sonhos felizes de uma vida composta de bem e de sensual, seguem-se as agitações turbulentas do desencontro para culminarem, mercê de um laço, o laço da consciência, numa aleluia da felicidade sem misturas, aquela felicidade intemporal e eterna exigida pela permanente aspiração humana.

Ernesto é o símbolo de uma ascensão, feita a custo de muito trabalho e renúncia. Era o homem entrincheirado nos preconceitos e especialmente no orgulho da autossuficiência e que pouco a pouco, com a naturalidade absoluta, pelo estudo, pelos espinhos da vida, pela experiência purgativa e pelo inefável mistério da Graça de Deus (Deus quer a salvação de todos os homens), se vai libertando e subindo, mais e mais, na luminosa esteira mística de S. João da Cruz, atingindo nos estertores do sofrimento e no leito das contrariedades, aquela paz doce, aquela renúncia criadora que o faz restabelecer o «Acorde Imperfeito», em acordo perfeito com Lalita, a figura caprichosa, durante muito tempo entregue român-